

Seção Livre



A carta: relato sobre um olhar sensível

Jéssica Reck Caussi*

Resumo:

O presente texto tratará sobre a experiência de uma professora estagiária com um aluno considerado *problema* e sobre como um simples gesto de olhar sensível pode fazer diferença na forma de o aluno enxergar o espaço da sala de aula e as relações com colegas e professores. A experiência relatada ocorreu em uma turma de alfabetização do Colégio de Aplicação no ano de 2013.

Palavras-Chave:

Olhar sensível. Relação professor-aluno.

Abstract:

The current paper will address the experience of an intern teacher with a student considered *a problem* and how a simple sensitive eye gesture can make a difference in the way students see the classroom space and the relationships with classmates and teachers. The reported experience occurred in a literacy class at Colégio de Aplicação in 2013.

Keywords:

Sensitive eye. Teacher-student relationship.

Um olhar para o cotidiano...

Às vezes, não percebemos como um pequeno gesto pode mudar, de alguma forma, a vida de alguém. No início do ano letivo, em uma escola do município de Porto Alegre, um aluno de seis anos *enlouquecia* os professores: subia nas mesas, saía da sala da aula, brigava com os colegas. Quando era chamado para conversar, ignorava as intervenções de quem quer que fosse e só atendia alguém mediante o uso de uma frase: “vou chamar teu pai na escola!”. O estudante frequentava todos os dias a sala da orientação educacional da escola e sua mãe era frequentemente chamada ao colégio. O menino se envolvia em brigas com alunos maiores no recreio. Por isso, muitas vezes ficava sem recreio.

A família do menino já não sabia o que fazer. A medida disciplinar aplicada fora sempre buscar o contato com o pai do menino que era a única pessoa a que o garoto ouvia. O menino vivia em lugares diferentes, pois seus pais eram separados, e podia ter algumas atitudes com um, mas não com o outro. O discurso vigente entre os pais era: “na minha casa ele faz...”, “mas na minha isso não acontece...”. Para a criança, a escola era um terceiro lugar com regras a seguir.

* > Professora na Escola Municipal de Educação Infantil Amor-Perfeito - São Leopoldo. E-mail: jessicareck@hotmail.com

“Uma cartinha pra ti”...

Até que uma professora teve a ideia de produzir e inaugurar um correio para a turma. Cada aluno ganhou um envelope para pintar, enfeitar e nomear com carinho. Nesses envelopes seriam colocadas cartas escritas pelos colegas e pelos professores. Certo dia, antes de uma saída de campo, o menino foi até seu envelope e percebeu que ele ainda estava vazio. A professora ficou sensibilizada e desenhou uma linda árvore com frutas e escreveu “com carinho para o... (nome do aluno)”.

Quando o menino entrou na sala de aula, ficou ao mesmo tempo sem jeito e feliz, por ter recebido aquela mensagem. Um colega gritou: “Olha, alguém mandou uma carta de amor para o...”. Talvez, o colega tenha deduzido isto pelas cores do desenho (rosa e vermelho). Então, a professora admitiu que fora ela quem havia escrito tal carta. O menino sentou-se em sua classe e ali ficou desenhando por um bom tempo.

Antes de sair para o passeio, ele pediu que a professora checasse sua caixa de correio, e ele disse: “Fiz pra ti!”, dando nela um grande abraço. Depois disso, ficou dias sem *aprontar* nada e, quando elogiado pelo seu comportamento, sempre falava da cartinha que a *profe* tinha enviado para ele. Era isso que ele queria, ou seja, alguém que o valorizasse, que o percebesse naquele espaço, já que, por algum tempo, nenhum colega parecia percebê-lo (pois, geralmente, ninguém gosta de quem briga, de quem expressa suas opiniões de forma agressiva).

Refletindo...

Essa experiência nos faz pensar em quantas vezes fomos *duros* com nossos alunos-problema, enquanto poderíamos ter adotado outras posturas como negociação, reforço positivo, ou estratégias pedagógicas com uma função sócio-comunicativa como, por exemplo, o *correio da amizade*. Quem sabe valorizando-os, descobrindo seus pontos positivos, suas capacidades e acolhendo-os no grupo, eles não assumam outras atitudes na escola, na sociedade, na vida?